

JAPONESES, BRASILEIROS E JUDEUS: A HISTÓRIA ORAL NOS ESTUDOS DE IMIGRAÇÃO NO BRASIL¹

Valéria Barbosa de Magalhães²
Ricardo Santhiago³

Resumo: Este artigo apresenta parte dos resultados do projeto *História Oral e Imigração: abordagem histórico-crítica da produção brasileira*, financiado pelo CNPq, cujo objetivo era investigar de maneira abrangente a utilização da história oral e de suas técnicas nos diferentes estudos em imigração realizados no Brasil. Nesta ocasião, primeiramente apresentaremos o escopo e os objetivos da investigação, justificada pela maciça produção intelectual sobre as imigrações que se valem de relatos orais. Em seguida, passaremos à análise qualitativa que o recorte deste artigo encaminha: a leitura de obras que utilizam relatos orais a respeito de imigrantes judeus no Brasil, imigrantes japoneses no Brasil, e imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. A análise permite dimensionar as potencialidades e limitações do emprego de relatos orais na construção de conhecimento sobre as migrações.

Palavras-chave: História oral; Migrações/imigrações; Produção Científica em História Oral; Metodologia de Pesquisa.

JAPANESE, BRAZILIANS AND JEWISH: THE ORAL HISTORY AND MIGRATION STUDIES IN BRAZIL

Abstract: This article aims to present some results of the project *História Oral e Imigração: abordagem histórico-crítica da produção brasileira*, conducted by the authors. This research intended to analyze the use of oral history in the migration studies in Brazil. Here, we present the technical approaches we have used in our research and show some qualitative and quantitative results of the investigation, specifically in the case of the Japanese and the Jewish in Brazil and for the Brazilians in United States. The analysis allowed us to realize some potentialities and some limitations of the oral sources for the study of immigration.

Keywords: Oral history; Migration Studies; Scientific Production in Oral History.

¹ O artigo resulta do projeto de pesquisa "História oral e imigração: Abordagem histórico-crítica da produção brasileira", financiado pelo CNPq.

² Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP e no Programa de Mestrado em Estudos Culturais/USP. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP). gephom@gmail.com.

³ Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP). gephom@gmail.com.

Em artigo publicado em 2002, Alistair Thomson realizou um balanço da contribuição da história oral para os estudos sobre imigração realizados, ao longo de 25 anos, na Austrália e na Grã-Bretanha. Naquele momento, Thomson chamou a atenção para a tendência crescente de pesquisas darem atenção à experiência pessoal do migrante. Seu trabalho mostrou que o tema das migrações era um dos mais importantes no campo da história oral. Segundo ele, não faltavam boas razões para isso: “o caráter de retrospectiva do testemunho oral lembrado – tão frequentemente objeto de interesse metodológico – é de fato uma oportunidade única. A experiência da migração continua durante toda a trajetória de vida do migrante” (THOMSON, 2002, p. 12).

Cerca de dez anos depois, entre 2010 e 2012, desenvolvemos junto ao Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (GEPHOM/USP) o projeto *História Oral e Imigração: abordagem histórico-crítica da produção brasileira*, financiado pelo CNPq.⁴ Tendo em vista a ausência de trabalhos como o de Thomson ou de levantamentos do número de pesquisas sobre imigração que tenham se valido desse recurso metodológico, ou ainda sobre o tipo de filiação metodológica preferencialmente seguida nesses estudos, nos perguntamos de que forma e em que medida a oralidade estaria contribuindo para os estudos de um tema que tem permeado toda a história social e cultural do país.

No projeto, buscamos investigar a utilização da história oral e de suas técnicas nos diferentes estudos em imigração realizados no Brasil. Foi executado um mapeamento analítico da produção bibliográfica brasileira nesse escopo, distinguindo-se dois períodos: os estudos das imigrações anteriores à década de 1980, com ênfase na entrada de imigrantes no Brasil; e os estudos de movimentos migratórios realizados após aquele momento, sobre a saída de brasileiros para outros países e a entrada de novos grupos em nosso território.

A pesquisa procedeu a duas etapas: ao levantamento quantitativo dos trabalhos brasileiros sobre imigração que utilizassem algum tipo de entrevista; e, a seguir, à avaliação qualitativa de obras selecionadas, tendo sido avaliada uma média de cinco publicações sobre cada um dos seguintes grupos: japoneses no Brasil, judeus, italianos e brasileiros nos Estados Unidos⁵. Em seguida, foi feita uma análise sobre a orientação metodológica desses trabalhos: o conjunto das fontes utilizadas; os tipos de entrevistas

⁴ Pesquisadores: Valéria Barbosa de Magalhães e Ricardo Santhiago. Bolsistas de iniciação científica: Maria Carolina Andrade, Jéssica Aparecida da Costa e Larissa Ota.

⁵ Neste artigo, optamos por não tratar do caso dos italianos, faremos isso em publicações futuras.

conduzidas e usadas; o alinhamento do processo de consolidação das fontes orais com procedimentos específicos propostos por autores ou instituições; a afiliação a algum grupo de pesquisa brasileiro de história oral.

Durante os dois anos de pesquisa, foram levantados e listados mais de 5.000 itens de produção bibliográfica sobre imigração⁶. Naqueles em que o resumo ou o texto completo estava disponível (777 itens), buscamos identificar quais haviam usado entrevistas (identificadas ou não, de modo explícito, com as perspectivas da história oral)⁷. Do universo de 777 itens, constatou-se o uso de entrevistas em 207 deles⁸.

Para cada um dos 207 itens finalmente arrolados, foi elaborada uma ficha de análise⁹ que informava a leitura qualitativa realizada, apenas parcialmente apresentada neste artigo.

Até o momento, podemos dizer que a produção brasileira em imigração tem utilizado com frequência o recurso das entrevistas, mesmo que não seja pelo método da história oral, mas que esse uso não é generalizado, visto que dos 777 itens dos quais tivemos acesso ao texto completo ou ao resumo, apenas 207 citaram as entrevistas como fonte de pesquisa.

Pudemos perceber, por esse levantamento, que as entrevistas são um recurso bastante comum nos trabalhos sobre grupos de imigrantes pós década de 1980. Nos estudos sobre as migrações para o Brasil, antes de 1980, o seu uso não era tão intenso, provavelmente porque a reconstrução historiográfica muitas vezes não pode encontrar os imigrantes mais antigos, pois alguns não se encontram vivos. Outro motivo é que a própria popularização do uso da história oral na academia brasileira se dá a partir do

⁶ O universo de pesquisa se consistiu de: A) Periódicos de história oral: *Cadernos CERU* (Centro de Estudos Rurais e Urbanos), *História Oral* (Associação Brasileira de História Oral), *NEHO-História* (Núcleo de Estudos em História Oral), *Oralidade* (Núcleo de Estudos em História Oral), *Palabras y Silencios / Words and Silences* (International Association of Oral History); B) Periódicos ligados aos temas da imigração: *Travessia: Revista do Migrante* (Centro de Estudos Migratórios), *International Migration Review* (Center for Migration Studies) e *International Migration*; bases de dados de bibliotecas com acervo disponível online (Unesp, USP, Unicamp e PUC-SP). No caso da base de dados da USP, utilizou-se a ferramenta de busca integrada, que inclui periódicos e publicações não necessariamente disponíveis nas bibliotecas da instituição. Dada a miscibilidade das abordagens e objetos de pesquisa, esta pesquisa acabou por incluir alguns textos sobre migração interna, que poderão ser aproveitados em um futuro estudo.

⁷ Importantes estudos sobre migrações internacionais recentes, apesar de não se relacionarem de maneira clara com os princípios metodológicos do campo da história oral, recorreram sistematicamente ao uso de relatos e entrevistas nos seus trabalhos. São exemplos aqueles produzidos por diversos pesquisadores ligados à Unicamp, como Sales (1999) e Patarra (1995).

⁸ Cabe ressaltar que seria desejável a leitura integral dos demais textos que não possuíam resumo ou texto completo disponível no momento do projeto, mas isto não foi possível devido às restrições de tempo e à acessibilidade geográfica de alguns textos. O aproveitamento integral deste material só poderá ser feito em uma eventual continuidade desta pesquisa.

⁹ O catálogo das fichas faz parte do relatório final entregue ao CNPq.

início dos anos 1980, de modo que a produção anterior a esse período tendia a privilegiar outras fontes.

Em boa parte dos textos analisados, foi difícil identificar a forma como as entrevistas tinham sido trabalhadas. Preocupações excessivas com fundamentação teórica ou as próprias limitações dos objetivos das publicações se sobrepunham à elucidação dos critérios de manuseio das fontes. Nos textos em que a explicitação dos procedimentos técnico-metodológicos não foi feita, procuramos identificar a orientação metodológica por meio da análise da forma que a entrevista - ou os trechos de entrevistas - apareceu no texto.

Dentro dos limites deste artigo, apresentaremos a descrição e os resultados de parte da pesquisa, em dois momentos: A) em primeiro lugar, será feita uma análise detalhada, no que diz respeito ao uso de entrevistas, de obras referentes a dois grupos de imigração anteriores à década de 1980 (os judeus e os japoneses no Brasil); e também de obras referentes a um movimento migratório posterior à década de 1980 (os brasileiros nos Estados Unidos)¹⁰; B) Analisaremos os textos selecionados em conjunto, tendo em conta o significado do uso de entrevistas para os estudos migratórios no Brasil.

Antes de passarmos a estes resultados, cabe lembrar que os estudos migratórios comportam uma miríade de outros tipos de fontes e registros, tais como os relatos etnográficos e as estatísticas produzidas por órgãos oficiais, intensamente empregados nas pesquisas. Diante disso, é natural que os pesquisadores que recorrem aos relatos orais salientem suas vantagens em relação a outras fontes: ela favoreceria a captação das dinâmicas da construção e da interação identitária; desvelaria a “vida social” das histórias e o cotidiano da experiência migrante; propiciaria a compreensão das razões subjetivas do trânsito entre espaços e permitiria a produção de informações sobre fenômenos que, quando muito recentes, não geram registros de outra natureza.

Há duas tendências de uso de entrevistas nos estudos migratórios, como foi possível perceber pelos trabalhos analisados: no primeiro caso, elas estão atreladas a métodos e técnicas assumidamente de história oral e vinculadas a procedimentos metodológicos específicos, definidos por autores da área (a exemplo dos manuais de história oral de Alberti, 2004; de Meihy, 2005; e de outros trabalhos clássicos sobre o

¹⁰ Um dos critérios para a seleção dos trabalhos analisado foi sua disponibilidade pública, pois o material bibliográfico adquirido com recursos do CNPq agora faz parte do acervo da biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP. Outras obras analisadas são parte de acervo do GEPHOM/USP.

recurso das histórias de vida, como de Queiróz, mar/1953, 1991). Em uma segunda apropriação das entrevistas pelos trabalhos de imigração, elas têm sido usadas como técnica, mas sem estarem associadas claramente às perspectivas da história oral ou a outras discussões metodológicas em profundidade. A elas são atribuídos nomes de técnicas menos comuns à história oral, como, por exemplo, a “entrevista semiestruturada” ou a “entrevista em grupo”.

No caso da imigração japonesa, a atuação relevante de pesquisadores da história oral pode ser entendida como uma das evidências de que este é um tema recorrente no universo da oralidade. Os trabalhos de Ismênia Lima Martins e de Zeila de Brito Fabri Demartini, profissionais pioneiras na utilização e na divulgação dos métodos biográficos, são exemplos disso. Em ambos os casos (como nos demais) as pesquisas demonstram conexão com preceitos metodológicos institucionais ou com práticas consolidadas em trabalhos anteriores.

O artigo de Demartini (2004), *Marcas da guerra em terra distante: relatos de japoneses em São Paulo*, trata de histórias de imigrantes japoneses e de seus traumas em relação às vivências do período da Segunda Guerra Mundial e do Pós-guerra, chamado, segundo a autora, de “Período do Vale Tenebroso”, “Período da Escravidão” ou “espaço branco na história da imigração nipônica”. O primeiro período da imigração japonesa para o Brasil vai de 1908 a 1941, sendo reiniciado em 1952 por imigrantes que queriam deixar as condições do Pós-guerra no Japão, entrando em declínio em 1979 (p. 146). No trabalho de Demartini, foram utilizados relatos orais

obtidos durante pesquisas por nós realizadas em que entrevistamos diferentes gerações de famílias japonesas que chegaram a São Paulo nas décadas de 1920 e 1930, assim como famílias que chegaram no pós-guerra, além de algumas pessoas que conviveram intensamente com as mesmas neste período.

Na primeira pesquisa foram 16 entrevistados do grupo japonês, sendo sete mulheres e nove homens, que contaram sobre as vivências de suas famílias; como só quatro pertenciam à mesma família, as informações referiram-se a um conjunto de 14 famílias. Alguns deles (três) falaram também sobre a história do grupo, em colônia da periferia de São Paulo, como representantes de mais de cem famílias. Na segunda pesquisa, trabalhamos com as segunda e terceira gerações dessas famílias, assim como entrevistamos outras três famílias que vieram no pós-guerra. (DEMARTINI, 2004, p. 146)

A autora afirmou procurar nas entrevistas as “representações” que são construídas pelos depoentes sobre suas vivências, utilizando a técnica de história de

vida resumida:

O relato oral foi coletado num processo de interação entrevistado/entrevistador em que nos colocamos numa posição de escuta atenta, cuidadosa, paciente, de modo a estabelecer a cumplicidade necessária para que o entrevistado se colocasse em situação de querer falar. (p. 147)

Nesse sentido, o trabalho de Demartini se encaixa em uma das duas linhas de história oral identificadas por Ferreira (1994) em sua revisão crítica das ideias de história oral, linhas que teriam compromissos teóricos e posturas metodológicas diferentes: uma “utiliza a denominação história oral e trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas” (p. 9), estando preocupada em “garantir o máximo de veracidade e de objetividade aos depoimentos orais produzidos” (p. 9); a outra seria “aquela que privilegia o estudo das representações e atribui um papel central às relações entre memória e história, buscando realizar uma discussão mais refinada dos usos políticos do passado. Nesta vertente a subjetividade e as deformações do depoimento oral não são vistas como elementos negativos” (p. 10). O trabalho de Demartini parece se filiar a essa segunda abordagem, aquela que se atém às representações e às relações entre memórias e história.

O uso que Demartini fez das entrevistas nesse texto de 2004 corresponde às perspectivas metodológicas dos pesquisadores do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU/USP), no qual a autora é pesquisadora. De tradição sociológica, o centro foi formado por Maria Isaura Pereira de Queiróz, pioneira no uso da história oral no Brasil. No caso do trabalho com os japoneses, Demartini (2004) explicou que não pôde trabalhar com as histórias de vida puras, tendo por isso optado pela abordagem de Carl F. Schorske que permite ver a diversidade dos sujeitos e privilegiar as representações diversas sobre o mesmo tema. Essa escolha metodológica também implica a compreensão do processo de construção da identidade desses imigrantes como um “campo de possibilidades”.

Diferentemente de boa parte dos textos sobre imigração encontrados nesta pesquisa, o artigo de Demartini faz uma discussão detalhada das opções metodológicas da pesquisa e de suas consequências. Por exemplo, ela explica a dificuldade em conseguir entrevistados dispostos a falar, já que muitos tinham vivido experiências traumáticas no Pós-Guerra, resistência já analisada em outros estudos sobre memória e narração (SELIGMANN-SILVA, 2003, 2005, 2008). A estratégia da autora para

quebrar essa resistência foi a de conquistar a confiança dos depoentes por meio dos trabalhos anteriormente realizados sobre os japoneses. Para tal dificuldade, pesou também a característica japonesa de discrição e introspecção.

Com os relatos gravados, Demartini (2004) teceu a história e as características sociais dos japoneses em São Paulo, conduzindo o leitor a entender aspectos como a relação com a língua, família, política, discriminação e educação. Sobre a análise das histórias de vida, a autora concorda com o sociólogo italiano Franco Ferrarotti, autor de alguns dos trabalhos mais importantes e pioneiros sobre o tema (1974, 1986, 1987), ao afirmar que parece promissor “explorar o social contido nas histórias de cada um dos personagens, para a partir daí apreender a trama do social” (DEMARTINI, 2004, p. 160).

Em seu trabalho, Demartini optou por manter os entrevistados anônimos, utilizando apenas a inicial de seus nomes, escolha que encontra eco em outros estudos sociológicos, como nas entrevistas usadas por Pierre Bourdieu (1999), autor que inspira os trabalhos do CERU/USP. Diferentemente de outras abordagens da história oral brasileira que preconizam o uso do nome do entrevistado como forma de situar o sujeito na História ou de vertentes que almejam, por meio da identificação do entrevistado, “dar voz aos vencidos” e “conceder-lhes” uma possibilidade de emancipação cidadã, os trabalhos de sociólogos como os do CERU/USP tendem a manter o anonimato, dado que o objetivo é primordialmente atender à lógica da investigação sociológica, visando entender o contexto social embrenhado nos discursos dos sujeitos. Em uma perspectiva inspirada em Bourdieu e em outros autores, a entrevista e a subjetividade interessam enquanto representações de traços da coletividade.

Outra característica das entrevistas apresentadas no texto de Demartini são os trechos transcritos sem processos de edição de texto posteriores, conforme se pode ver no trecho abaixo:

P – E eles estavam comprando para poder voltar para o Japão e levar este dinheiro para lá?

Mas ele já viu que não podia, então ele precisava passar para alguém. Também tinha outro, como imigrante humilde, ele achava que era a oportunidade para se voltar contra esses dirigentes.

P – E esse movimento então demorou dois anos?

Demorou.

P – E quem é que chefiava esse movimento? Pegou só o estado de São Paulo ou não?

É uma história longa, longa, né? É só japonês, aqui. Também alemães tinha, também.” (Entrevistado K). (DEMARTINI, 2004, p. 164).

A maneira como as entrevistas são apresentadas em um trabalho de história oral não é privada de significados. Como já se discutiu longamente no campo da história oral, existem diversas possibilidades de fixação do texto após a transcrição. Alguns autores utilizam uma etapa chamada “textualização”; outros trabalham com a nomenclatura mais jornalística de “edição”; há ainda autores que propõem o uso de um procedimento chamado “transcrição”, como foi analisado em publicações anteriores (SANTHIAGO, 2011). Em um plano internacional, as ideias sobre textos em história oral ganha ainda mais contornos (GRELE, 2006; MAZÉ, 2006). McCleary (2011) argumenta que na passagem da fala para a linguagem escrita, muito se perde. Segundo o autor, “a escrita anula o espaço, suspende o tempo, exila os seres vivos, e reduz o contexto da fala ao *texto* da escrita” (MCCLEARY, 2011, p. 97). A ação falada é ação *conjunta*, só acontece *com* e *entre*, mas a escrita, por outro lado, não representa a linguagem humana e sim os enunciados da língua humana.

A história oral se defronta, portanto, com a dificuldade de transcrever o significado que acontece na linguagem oral, que só pode existir pela interação entre pessoas. Para McCleary, dos gêneros textuais, o que melhor resolveria esse problema seria o da entrevista, e não o gênero narrativo (2011, p. 108). Processos de edição poderiam apagar justamente essa interação que caracteriza a fala e a produção do relato.

Ao optar por não editar as transcrições, Demartini (2004) reforça ao leitor a percepção de que o relato foi construído em uma situação de interação entre entrevistador e entrevistado e que a memória e as representações foram produzidas nesse contexto de troca.

A história de vida, aliás, não é uma forma natural de narrativa, lembra Portelli (2010, p. 212), ela prescinde da presença de um entrevistador que “cria o espaço narrativo para o narrador”. A mesma história seria contada de forma diferente, não fosse a presença desse ouvinte:

Os sujeitos da entrevista, portanto, compartilham um espaço narrativo e um espaço físico – e é isso que a torna possível. Mas o que a torna significativa é que existe também um espaço entre eles, ocupado e representado pelo gravador ou pelo bloco de anotações. A entrevista, antes de mais nada, é um confronto com a diferença, com a alteridade. (PORTELLI, 2010, p. 213).

Além das entrevistas, Demartini complementou seu trabalho com o uso de outras fontes como, por exemplo, documentos históricos sobre imigração japonesa e sobre as

escolas de imigrantes, mas seu texto não indica que haja uma submissão das entrevistas às outras fontes.

Como conclusão, Demartini afirma que os relatos discutidos são fragmentos sobre um tema ainda pouco analisado a partir desse tipo de fonte oral, portanto, “o que conseguimos desvendar sobre os mesmos, e não necessariamente todos os significados que os mesmos carregam” (DEMARTINI, 2004, p. 177), de modo que o olhar do pesquisador deve se debruçar sobre a representação e não sobre a busca de uma verdade única. Tais representações podem ser buscadas nos “silêncios, conflitos e incoerências presentes nas memórias” (p. 177).

O artigo de Ismênia Martins *et alii*, *A imigração japonesa no Estado do Rio de Janeiro* (2010), trata de um caso pouco estudado na imigração japonesa: o Rio de Janeiro. Apesar de características específicas, esse grupo apresenta similaridades com os japoneses de outros estados. Esse movimento populacional se explicou, em parte, pela modernização da cidade, que demandou uma produção hortifrutigranjeira, suprida pelos japoneses, além de sua atuação em outros ramos da agricultura.

A exemplo de Demartini (2004), as fontes utilizadas por Martins e seus colaboradores são diversas: documentos escritos, fotos e entrevistas de fontes primárias e secundárias. Apesar de não aparecerem trechos dos relatos, as entrevistas são citadas indiretamente no texto, como, por exemplo:

Kentoku Arume nasceu em Okinawa e chegou ao Brasil no Kasato Maru, em 18 de junho de 1908. Segundo seu filho Kanemassa Arume (2001), nascido em 22 de abril de 1915 e o mais idoso nissei entrevistado para fins desta pesquisa, após cumprir o contrato de trabalho com o governo paulista na Fazenda Floresta, em Itu, trabalhou na Companhia Docas de Santos. (MARTINS *et alii*, 2010, p.156)

Ou neste trecho:

Tal foi o caso de Shozo Shiose (2000), que migrou, na década de 1940, com a família de Pernambuco, depois do insucesso na atividade agrícola, uma vez que cultivaram produtos que não integravam a dieta local. Seu relato é comovente. (MARTINS *et alii*, 2010, p.158).

Os trechos acima não nos permitem deduzir como os relatos foram tecnicamente produzidos e nem nos permitem perceber as marcas da interação entre entrevistador e entrevistado. Não conseguimos saber, a partir do artigo, se houve transcrição ou qualquer processo de edição de relatos transcritos.

Não está claro se o motivo dos trechos de relatos não estarem disponíveis foi a falta de espaço no artigo para incluir detalhes de todas as fontes utilizadas ou se uma escolha metodológica. Entrevistas de fontes secundárias também são citadas no texto de forma descritiva:

Mariléia Inoue (2002) coletou 160 depoimentos entre imigrantes japoneses e seus descendentes de primeira geração. Esse material permite resgatar a trajetória imigração japonesa no Estado do Rio de Janeiro e sua contribuição em diversos setores, particularmente na agricultura. (MARTINS *et alii*, 2010, p. 167).

Ao final do artigo, na indicação das fontes, os autores citam os dados secundários consultados nas entrevistas, da seguinte forma:

Entrevistas realizadas por:
INOUE, Mariléia: Ayako Inoue (2000); Horácio Watanabe (2002); Jorge Kassuga (2001); Kanemassa Arume (2001); Noriko Yamagata (2000); Seiji Miyamata (2001); Shiki Inoue (2000); Shozo Shiose (2000); Shinichi Ogawa (2001); Toshiko Adashi (2000).
MARTINS, Ismênia de Lima: Marli Arume (2007); Noriko Nakaie (2007).
MIZUBUTI, Satie. Mayumi Muto (2008); Takashi Mori (2008).
PAGANELLI, Tomoko e TSUKINO, Leonardo: Yoshifiko Kunisawa (2008). (MARTINS *et alii*, 2010, p.183).

Como a descrição das redes de entrevistados acima aparece em forma de listagem, não foi possível analisarmos critérios técnico-metodológicos de escolha de entrevistados, mas podemos inferir que as entrevistas não sejam anônimas, diferentemente do trabalho de Demartini (2004).

No texto de Martins *et alii* (2010) as entrevistas foram usadas, juntamente com as outras fontes, para descrever o processo histórico de instalação dos japoneses no Rio de Janeiro, bem como algumas características dessa comunidade, tais como os locais de destino, os motivos do estabelecimento desses grupos no Estado e as atividades econômicas às quais eles estavam ligados. A pesquisa tem semelhanças com os trabalhos de história oral que, segundo Ferreira (2004), usam os depoimentos orais para preencherem lacunas de outras fontes, pois não parece se tratar de uma investigação propriamente de história oral - pelo menos isto não foi assumido explicitamente no artigo - e não há descrição dos procedimentos de uso de entrevistas. Elas teriam sido usadas como fonte de informação, mas sem uma afiliação metodológica específica.

Em outro texto analisado no nosso projeto, Shizuno (2010) buscou entender as representações sobre os japoneses a partir dos arquivos do DOPS do Paraná. Em seu

trabalho, ela cita entrevistas de fonte secundária, feitas em um período bastante recuado, por Hiroshi Saito (1992). É explicado, em nota de rodapé, que:

O trabalho de campo desta pesquisa [de Saito] foi realizado de outubro de 1952 a fevereiro de 1953, nos Estados de São Paulo e Paraná, com um total de 448 entrevistados. Entretanto, foram feitas 189 entrevistas nos Estados do Pará e Amazonas, desprezadas pelo pesquisador por não apresentarem diferenças significativas e para “facilitar o exame e percepção dos quadros. (p. 131)

Pelo texto, tudo leva a crer que Saito (1992), citado por Shizuno (2010), não tenha trabalhado com entrevistas, mas sim com depoimentos. Os trechos de falas mencionados no trabalho de Shizuno foram retirados de depoimentos dos japoneses ao DOPS, não se constituindo em entrevistas propriamente ditas, mas sim em depoimentos policiais. Não se trata de um trabalho identificado com a história oral, ainda que use entrevistas.

O período estudado é o Pós Segunda Guerra Mundial, considerado pela autora como “demarcador de mudanças mundiais e nacionais” (SHIZUNO, 2010, p. 123). A conclusão do artigo de Shizuno (2010), a partir das fontes citadas acima, é que os momentos de crise foram fundamentais para a imputação de características negativas na representação dos japoneses, já que o Perigo Amarelo rondava o imaginário dos brasileiros sobre esses imigrantes. Apesar disso, a imagem do japonês era ambígua, pois eles também eram vistos positivamente como bons trabalhadores. No caso da representação policial, prevaleceu uma visão do japonês como não cidadão, já que era estrangeiro e que representava elementos éticos e morais da não integração. Por isso, japoneses no Brasil foram submetidos a práticas autoritárias e tratados como delinquentes. Os imigrantes reagiram a isso adotando práticas diferenciadas dentro e fora do âmbito privado, para se precaverem das perseguições e, ao mesmo tempo, preservarem sua cultura.

O uso de trechos de relatos arquivados pelo DOPS cumpre, em parte, a função informacional equivalente à das entrevistas, abrindo a possibilidade de uma análise qualitativa das representações do DOPS sobre os japoneses, ainda que conduzida pelo viés da instituição. É possível que, fora do âmbito institucional, os resultados de gravações com japoneses tivessem sido outros, já que se pode supor que os documentos oficiais do DOPS tenham sofrido distorções convenientes à instituição.

Como outros trabalhos de imigração que usam entrevistas, o artigo de Shizuno (2010) não assume uma afiliação metodológica específica, valendo-se de relatos orais

como fontes complementares a outros tipos de documentos, inclusive porque os depoimentos utilizados foram produzidos por outrem.

No livro de Okamoto, *Imigração japonesa: rupturas e reconstrução de vínculos afetivos*, de 2008, são estudadas as associações de japoneses no Estado de São Paulo como forma de manutenção de laços afetivos com o país de origem. A pesquisadora é da área de Psicologia, diferentemente dos autores anteriores, o que explica o enfoque do trabalho:

Nosso interesse pelo tema refere-se aos aspectos ligados aos afetos e às necessidades de vínculos que movimentaram e mobilizaram os imigrantes a buscar este modelo de agrupamento e fortalecimento tão peculiar, como nos tem mostrado a quantidade e amplitude da organização destas associações no Brasil.

Nosso interesse por esses significados, por essas vivências afetivas e formações intersubjetivas se encontra na busca pela re-significação desse passado comum vivido pelos imigrantes, possibilitando-nos aos seus descendentes, um olhar através desse túnel do tempo para que possamos ultrapassar essa compreensão do passado e finalmente vislumbrar o futuro a ser semeado. (OKAMOTO, 2008, p. 15)

Com o fim de entender a formação das redes sociais dos imigrantes, Okamoto (2008) recorreu ao que denominou relatos orais: “Ao se trabalhar com relatos orais dos imigrantes na busca pelos significados e sentidos vividos na construção das colônias nipo-brasileiras, estaremos abordando esse conteúdo enquanto prática discursiva” (OKAMOTO, 2008, p. 16).

A entrevista é entendida pela autora como uma forma de produção de sentido, por isso, uma prática discursiva. Logo no prólogo do livro, há uma explanação metodológica do uso da entrevista, o que nem sempre frequente nos estudos migratórios. Trata-se de uso de relatos no campo da Psicologia, não da história oral – campo este, a Psicologia, que legou um dos trabalhos mais influentes nos estudos da oralidade, o de Ecléa Bosi (1978).

Para Okamoto, o relato seria uma forma de o sujeito expressar significados:

Nesse processo, a pessoa busca em suas experiências, aquelas que dão sentido às questões investigadas, o que nos permite entrar em contato com o mundo de vivências dos imigrantes e ter acesso, além do conteúdo falado e explícito, a um outro conteúdo invisível que permeia os sentidos encontrados pela pessoa em seu relato, que nos apontam suas vivências subjetivas e, portanto, singulares, povoadas por conteúdos simbólicos e por todas as outras vozes trazidos ao relato oral, referentes a todos os que povoam os sentidos trazidos pelo entrevistado. (OKAMOTO, 2008, p. 17)

Ao reconstruir a história da imigração japonesa para o Brasil, Okamoto (2008) partiu do viés das emoções como centro da preocupação do seu trabalho. Ainda que a metodologia assumida pela autora esteja no campo da Psicologia, a atenção aos significados subjetivos tem semelhanças com os procedimentos contemporaneamente predominantes no campo da história oral, pois nessa segunda abordagem a ênfase na memória pressupõe atenção aos sujeitos.

Ao mesmo tempo em que Okamoto trabalha no campo das subjetividades, o conceito de redes sociais medeia a relação entre a necessidade de vínculos afetivos e a formação das associações. Aspectos psicológicos das imigrações, tais como o psiquismo familiar, o sentimento de pertença e a vivência de rupturas, são analisados. Para tratar desses elementos, principalmente do ponto de vista das relações familiares, das redes sociais e das associações, é que o livro recorre ao uso das entrevistas. Trechos dos relatos são citados sem as perguntas do entrevistador (o que apaga um pouco as marcas da interação presente na produção das entrevistas) e anonimamente: utilizando-se a letra “E” acrescida de um número sequencial para cada entrevistado (exemplo: “E. 1”), procedimento semelhante ao de Demartini (2010). A transcrição preservou alguns erros gramaticais e a forma original da fala dos entrevistados, mas não fica claro se houve alguma edição.

Okamoto (2008) descreve as características gerais dos entrevistados, por ela chamados de sujeitos:

Os sujeitos participantes da presente pesquisa são imigrantes que viveram o processo de formação do núcleo inicial de pessoas que foi, ao longo dos anos, se transformando numa associação. A escolha desses imigrantes deveu-se ao fato de que estas pessoas puderam nos remeter, com seus relatos orais, às experiências e lembranças vividas no momento de suas vidas enfocando em nossa pesquisa, a formação das associações nipo-brasileiras após o estabelecimento das famílias *nikkeys* no Brasil.

Foram entrevistados cinco imigrantes que participaram da constituição das associações nipo-brasileiras da região da Nova Alta Paulista, incluindo os municípios de Bastos, Dracena, Marília e Tupã, municípios importantes no que diz respeito à concentração de famílias *nikkeys*. (OKAMOTO, 2008, p. 67).

A conclusão do livro reflete sobre a importância do retorno ao passado para a construção do presente e sobre as heranças que nos ajudam a entender o significado da vida.

Quanto às rupturas nas vidas dos sujeitos, elas constituíram fonte de sofrimento especialmente para o ideal de família japonês. A elaboração psíquica dessas perdas

sofridas por esses imigrantes, segundo Okamoto (2008), foi possível pela vivência em grupos, responsável pela coesão grupal, tendo sido este o papel das associações.

Nesses trabalhos sobre imigração japonesa no Brasil, notamos uma variedade de formas de utilização de entrevistas nem sempre associada ao método da história oral. Apenas um dos textos, o de Demartini, se apresentou como propriamente de história oral, embora saibamos que Ismênia Lima Martins, por exemplo, tem conexão clara e conhecida com o método. Os outros trabalhos usaram relatos de diversas formas: como dados complementares a outras fontes ou como fontes secundárias. No que tange à afiliação técnico-metodológica, exceto no caso de Demartini, os outros textos trataram a entrevista como uma técnica não necessariamente vinculada a uma proposta metodológica marcada. São autores que vêm de áreas diferentes e que têm experiências diversas com o uso de entrevistas.

No caso dos brasileiros nos Estados Unidos, foram analisados os textos de Sales (1999), Ribeiro (1999), Assis (maio-ago/1995), Martes (2011) e Meihy (2004). Os primeiros quatro artigos não identificam seus trabalhos com o campo da história oral, mas utilizam entrevistas. O último texto, o de Meihy, afirma-se como sendo de história oral e poderia ser classificado na segunda vertente apontada por Ferreira (1994): vinculada ao estudo das representações e da memória; ou, na tipologia de Gattaz (1998), como uma história oral dos vencidos. Trata-se de uma orientação metodológica que vê um papel político no trabalho do historiador oral.

A imigração brasileira para a América teve como marco a década de 1980, quando um fluxo migratório até então insignificante tornou-se intenso. Considerada por alguns como a “década perdida brasileira”, os anos 1980 foram um período em que os Estados Unidos, que na memória coletiva brasileira sempre figurou como “terra de oportunidades”, passaram a ser o destino de milhões de descontentes com a situação econômica e política do Brasil. Os principais destinos dessas pessoas são, ainda hoje, Nova York, Massachussets, Flórida e Califórnia, embora haja outros locais de destino.

Esse movimento é parte de uma transformação no perfil migratório do Brasil: de país tradicionalmente receptor de imigrantes para país de emigrantes. Assim é o contexto que caracteriza as análises feitas pelos artigos a seguir.

O livro de Sales (1999), *Brasileiros Longe de Casa*, foi um dos primeiros escritos acadêmicos no Brasil sobre os brasileiros no exterior e por isto foi selecionado para este projeto. A autora, de formação sociológica, é um dos principais nomes brasileiros no campo das migrações.

O livro trata especificamente do caso dos brasileiros em Framingham, Massachusetts, na região de Boston. Dentre os argumentos para a emigração de brasileiros, a autora enfatiza tanto a busca por “fazer a América”, quanto o que ela chama de “década perdida”, isto é, os anos 1980 que foram mote para uma população decepcionada deixar o Brasil.

Dentre os elementos abordados no livro, estão as teorias e vertentes dos estudos migratórios, cruzando-as com os dados da própria pesquisa, para chegar uma explicação estrutural de fundo econômico, sem deixar de lado a abordagem das redes sociais.

Dentre as fontes de pesquisa analisadas pela autora, está a imprensa brasileira:

Neste livro, retomo esse perfil do imigrante brasileiro traçado pela nossa imprensa, comparando-o com um outro perfil traçado pela imprensa americana, que o apresenta como *hardworker*, bem como o da nossa imprensa brazuca (a imprensa editada pelos próprios brasileiros residentes nos Estados Unidos), que enfatiza as histórias de sucesso dos imigrantes brasileiros, tentando mostrar a articulação dessa mídia do lado de lá como um dos fatores na construção da identidade étnica do grupo imigrante brasileiro. (SALES, 1999, p. 15)

Dados estatísticos de diversas fontes também foram usados, assim como relatos, analisados ao longo do texto. Apesar de utilizar entrevistas qualitativas, termos como “amostra de entrevistados” (típico da pesquisa quantitativa) e “roteiro de entrevistas” (geralmente associado a entrevistas semiestruturadas) são empregados. Outras fontes de pesquisa foram os questionários e a observação participante.

Os procedimentos metodológicos do trabalho são explicados no “Anexo 1” do livro, entre as páginas 207 e 213. Nessa parte do texto, Sales (1999) diz que: “são elas as protagonistas das histórias (por mim criadas livremente, porém em cima do material das entrevistas) que vão intrometendo entre os capítulos” (p. 207).

Não fica evidenciado o método utilizado ou as referências seguidas ao se criar tais histórias. Por outro lado, Sales descreve detalhadamente a formação das redes de entrevistados, que ela chamou de técnica de “bola de neve”. As entrevistas qualitativas (ainda que haja análise quantitativa de alguns dados dos relatos) incluíram pessoas e instituições; e entrevistas em grupo, os grupos focais: “foram, portanto, 32 as pessoas entrevistadas em grupo, e muitas vezes complementei individualmente as entrevistas de participantes dos grupos para melhor esclarecimento de algumas questões” (SALES, 1999, p. 212).

No “Capítulo 2”, por exemplo, há algumas dessas histórias por ela criadas. São

todas apresentadas em primeira pessoa. Trechos de alguns entrevistados, com seu primeiro nome, são inseridos ao longo das histórias, mas não está claro o critério de transcrição dos relatos e se houve algum processo de edição da transcrição.

O livro de Sales é um trabalho com profundidade e complexidade de fontes. Os procedimentos metodológicos são descritos fartamente, especialmente o uso que se faz das entrevistas que são combinadas com diversas fontes, não havendo, aparentemente, uma primazia do relato oral sobre outros documentos. Em nenhum momento, o uso de entrevistas qualitativas é identificado com o método da história oral.

Diferentemente do trabalho de Meihy (2004), que mencionaremos a seguir, o livro de Sales faz um uso de entrevistas caracteristicamente sociológico, pois privilegia os aspectos coletivos das falas (como também o faz Demartini, 2004), sendo que os trechos são utilizados de acordo com o tecido explicativo do texto. Os nomes dos entrevistados, quando utilizados, são trocados ou é utilizado somente o prenome.

Tendo por tema os brasileiros em Nova York, o livro *Brasil fora de Si: Experiências de brasileiros em Nova York*, de Meihy (2004), trata da imigração de brasileiros para os Estados Unidos. O pano de fundo é a construção de uma paixão brasileira pela América e a ideia de uma terra de oportunidades para todos. São abordadas também as dificuldades que levaram os brasileiros a deixar o Brasil, desde os anos 1980. Meihy busca entender esse processo pelas histórias das pessoas:

É o drama dessa gente que pretendi contar. Com o devido respeito à história de cada um/uma, mais do que redesenhar um fenômeno individual, foi a questão histórica e social que busquei tocar. Constituir um retrato do processo migratório nacional brasileiro através das histórias pessoais exigiu a responsabilidade de mostrar os efeitos da relação entre o público e o privado, do Estado e dos cidadãos. E foi difícil diante da resistência geral de qualificar esta onda de “emigratória”. (p. 21)

O autor assume, logo no início do livro, a opção pelo viés explicativo das histórias pessoais, das experiências de pessoas comuns. As entrevistas são a fonte central do trabalho.

Os relatos são citados todo o tempo no livro de Meihy (2004), alguns aparecem na íntegra e são “transcritos” (técnica que consiste em editar o texto várias vezes e com poucas limitações). Esse processo exclui a voz do entrevistador e sua interação na entrevista. Todos os entrevistados são citados com nomes e sobrenomes. No livro, não há capítulo ou item dedicado à discussão metodológica, diferentemente de outros textos do autor, inclusive seus trabalhos temáticos.

As histórias de vida ilustram as observações e análises de Meihy e, por estarem apresentadas na íntegra, fazem com que o leitor possa tirar suas conclusões sobre a imigração e o envolvimento daquele sujeito com esse processo.

Em outros momentos, trechos de entrevistas são mesclados para tecer observações sobre o contexto analisado. O livro se divide em quatro partes, e cada parte se cinde em subitens que dizem respeito aos modos de vida dos imigrantes, como por exemplo, “uma família refeita”, que fala sobre as separações e as novas configurações familiares que a imigração impõe. A análise das histórias pessoais, e de suas semelhanças e diferenças, é o caminho para a compreensão dos processos sociais.

O uso das entrevistas nesse texto remete à linha de história oral do Núcleo de História Oral da Universidade de São Paulo, coordenado por Meihy, para o qual o entrevistado é um sujeito histórico cuja versão dos fatos merece ser ouvida, vindo daí a ideia de que o pesquisador (“oralista”, na terminologia do autor) daria “voz aos vencidos”. Enquanto sujeito que tem uma participação histórica, o nome do depoente não deve ser omitido das entrevistas, a não ser em casos especiais.

A forma de uso das entrevistas no trabalho de Meihy, incluindo técnicas como a “transcrição”, está associada a uma vertente mais política da história oral, para a qual o pesquisador teria um papel social de fazer emergir as versões silenciadas da História.

O terceiro artigo analisado é *Estar aqui, estar lá... O retorno dos emigrantes valadarenses ou a construção de uma identidade transnacional*, de Assis (maio-ago/1995), que apresenta índices numéricos da saída de brasileiros para o exterior e recorda o percurso historiográfico dos estudos sobre a imigração brasileira. O objetivo é abordar o caso da emigração de Governador Valadares, em Minas Gerais, com ênfase na imigração temporária:

Este artigo parte dessa temática geral, para pesquisar um movimento específico verificado particularmente na cidade de Governador Valadares (MG) – conhecida nacionalmente pelo significativo número de valadarenses nos EUA – procurando problematizar um dos aspectos deste fluxo de grande impacto na vida cotidiana da cidade: o caráter temporário da migração. (ASSIS, maio-ago/1995, p. 8)

A autora não parte de categorias como “temporários”, “permanentes” e “retornados” porque acredita não darem conta da complexa realidade que envolve o processo migratório. O texto situa a imigração brasileira no contexto da mundialização do trabalho, mas ressalta que as razões para imigrar são complexas:

O novo caráter destes movimentos migratórios está intrinsecamente ligado ao fato de que tais fluxos ocorrem num mundo cada vez menor, com a aniquilação do espaço e do tempo, como consequência do desenvolvimento dos meios de comunicação, transporte e informática. (ASSIS, maio-ago/1995, p.11)

Por outro lado, para Assis, essas mudanças favorecem a comunicação entre quem partiu e quem ficou, de modo que a ideia de permanência e temporalidade na imigração adquire outro sentido. Outro aspecto abordado no texto é o transnacionalismo na imigração.

Fontes diversas são combinadas no artigo, que privilegia a discussão teórica sobre a apresentação dos dados empíricos. Há uso de dados quantitativos, mas trechos de entrevistas e de cartas são citados. Não há referência a um método específico de uso de entrevistas e se percebe que não há hierarquização dos relatos orais sobre outras fontes.

Não fica claro como as entrevistas foram feitas, apenas alguns trechos são mostrados sem as perguntas do entrevistador e usando o primeiro nome do entrevistado. A maneira como foram feitas as referências aos relatos pode ser ilustrada no seguinte trecho: “as cartas e as entrevistas realizadas com os emigrantes revelaram um outro aspecto interessante que as festividades de Natal são as que mais despertam saudade do Brasil” (ASSIS, maio-ago/1995, p. 12).

No texto, os trechos das entrevistas são tecidos de modo a darem uma ideia da realidade dos brasileiros nos Estados Unidos. Eles são usados como um recurso para o entendimento da vida cotidiana dessas pessoas e para se pensar um contexto transnacional, mas não se trata de um trabalho de história oral.

O artigo de Ribeiro (1999), *O que faz do Brasil, Brazil*, é uma das poucas publicações sobre brasileiros na Califórnia. São abordadas as questões étnicas:

Aqui retomo a questão da identidade nacional brasileira, desta vez transformada em identidade étnica, em uma situação em que a alteridade diante de vários “outros” se impõe claramente. Parto do princípio de que as relações interétnicas representam o cenário mais produtivo para o estudo de identidades. Baseio-me em pesquisa de campo; observação direta; participação em eventos e rituais; entrevistas; análise de material escrito, como notícias de jornais e panfletos; e em dados quantitativos. (RIBEIRO, 1999, p. 45)

No texto, não fica evidente a razão de o autor diferenciar “pesquisa de campo”

de outras técnicas que supostamente fariam parte da pesquisa de campo, tais como a participação do autor em eventos de brasileiros e em rituais praticados por eles.

Apesar de mencionar o uso de entrevistas logo no início do texto, elas não são apresentadas e tampouco há discussão de suas formas de uso e dos procedimentos técnico-metodológicos utilizados. Isto pode se dever ao pouco espaço em um artigo para esse tipo de abordagem.

Ribeiro (1999) enfatiza que a população brasileira em São Francisco não é homogênea, mas que ela se organiza em rituais, como o carnaval e as pequenas festas organizadas por brasileiros. O texto faz uma descrição dos cenários ou rituais dos brasileiros na Califórnia, tentando explicar seu papel na construção identitária do grupo. Aparentemente, essas descrições são baseadas principalmente em observação participante.

O livro *New immigrants, new land: a study of Brazilians in Massachusetts* (MARTES, 2011) trata especificamente do caso da imigração brasileira para o Estado de Massachusetts e é resultado de pesquisa iniciada em 1994. O trabalho apresenta a evolução das características gerais dessa imigração, dando ênfase às mudanças ocorridas a partir dos anos 2000. Diversas dimensões da imigração de brasileiros para Massachusetts são apresentadas, com especial destaque para a discussão entre identidade nacional, em oposição ao padrão americano de raça e etnia; e para as mudanças ocorridas na imigração brasileira na região, durante os 15 anos de condução do estudo.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa de Martes (2011) combinou fontes e técnicas diversas e complementares, tanto qualitativas quanto quantitativas. Há uma parte da *Introdução* do livro dedicada a explicar os procedimentos de pesquisa. Trata-se, entretanto, de um livro que privilegia a revisão bibliográfica, deixando espaço menor para a apresentação dos próprios dados empíricos. Entre estes últimos, são apresentados dados quantitativos sobre as características gerais dos brasileiros em Massachusetts, obtidos por um levantamento quantitativo socioeconômico que, nas palavras da autora, permitiu uma análise longitudinal.

Um item da *Introdução* é dedicado a explicar o uso de entrevistas qualitativas na pesquisa. Nelas, as gravações duraram em média uma hora e meia e, segundo a autora, são histórias de vida, que ofereceriam vantagens nos estudos migratórios: elas nos permitiriam entender os significados que os sujeitos atribuem às ações presentes. A técnica de seleção de entrevistados foi a de “bola de neve” que, segundo Martes, tem a

desvantagem de impossibilitar a generalização. Além das pessoas localizadas por essa técnica, foram entrevistados, nas palavras da autora, “informantes qualificados”: líderes comunitários e profissionais brasileiros.

Detalhes técnicos da produção das entrevistas e das transcrições não foram apresentados por Martes (2004), mas excertos de relatos estão disponíveis em alguns capítulos do livro. Os trechos são identificados pelo primeiro nome dos entrevistados e não apresentam as perguntas da entrevistadora.

Ainda que Martes (2011) tenha dedicado um bom espaço do livro à discussão dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa e que tenha assumido o uso de histórias de vida, o trabalho não se apresentou como de história oral e as técnicas de entrevista apresentadas não foram vinculadas a uma corrente metodológica específica. Os relatos não estão identificados como fonte principal do trabalho, mas sim combinados analiticamente com outros documentos.

No que diz respeito à temática da imigração judaica, sua relação com os depoimentos orais, no Brasil, não se diferenciou daquela observada em outros ambientes: ela é uma força que exerceu e continua exercendo um papel importante no campo da história oral. A *The Hebrew University of Jerusalem*, por exemplo, já nos anos 1960 instituiu um enorme programa de história oral voltado a gravações sobre a história judaica e israelense (PROCTOR, 1975). Michael Pollak, autor que se notabilizou – especialmente no Brasil – por sua contribuição conceitual, ainda, fez isso se valendo de histórias orais de judeus, em muitos de seus livros (POLLAK, 1990, 1993, 1998).

No entanto, embora muitas vezes o tema figure entre outros grupos migratórios, a imigração judaica não é marcada pela origem geográfica ou pela nacionalidade. Não são indivíduos migrantes agrupados em uma mesma colônia em função de compartilharem uma “identidade nacional” projetada. À medida que muitos trabalhos tratam de uma imigração judaica, no entanto, eles retêm essa questão, somada ao problema cultural mais amplo da diáspora judaica, no qual o trânsito entre espaços ocupa um lugar central.

As múltiplas combinações entre a cultura judaica clássica e as influências culturais de países em que esses povos se instalaram após a diáspora demonstram a dificuldade de compreender a imigração judaica como um bloco monolítico. No momento em que aportam em novos territórios, porém, determinadas diretrizes de pertencimento se ressaltam. Na visão de Freidenson (2006, p. 180), a identificação das

comunidades judaicas como produto de uma imigração se dá principalmente “com base nas tradições familiares ou no reconhecimento da origem histórica”. Nessa complexidade, esse movimento migratório tem se apresentado como um assunto fascinante na produção intelectual brasileira no campo da história oral e fora dele – já que uma das características das iniciativas em torno da temática consiste em sua autonomia em relação à pesquisa universitária, e por isso mesmo tornou-se visível por meio de formatos distintos do artigo ou do livro acadêmico tradicionais.

Mesmo antes da consolidação da história oral como um campo de pesquisa e da sua popularização enquanto método, houve iniciativas de porte em termos de trabalhos sobre a imigração judaica no Brasil que recorriam principalmente a entrevistas. Elas irradiavam por todo o país, de diferentes maneiras. Na região Sul, por exemplo, o médico Moysés Eizirik, filho de imigrantes judeus, que já havia escrito o livro *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*, de 1984, compôs dois anos depois seu segundo trabalho, *Imigrantes judeus*, em três partes: relatos, crônicas e perfis. Esta última apresentava pequenas biografias de treze judeus que ele havia entrevistado – com um enfoque predominantemente descritivo, biográfico, em terceira pessoa, sem a ressonância da situação dialógica que os gerou.

Pouco depois, outras opções composicionais apareciam. Egon e Frieda Wolff, por exemplo, publicaram em 1988 o livro *Depoimentos: Um perfil da coletividade judaica brasileira – Recordações gravadas em setenta entrevistas*. Os autores são creditados, no frontispício, como pertencendo ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – mas o fato é que eles já haviam realizado, juntos, um conjunto monumental de estudos cuja importância ultrapassa tal filiação institucional. Entre 1975 e 1987, eles haviam publicado outros vinte livros.

Embora a obra revele pouco sobre a origem das entrevistas gravadas, sobre o método utilizado e sobre problemas da pesquisa de campo (de fato, aos autores importava mais os resultados do que a reflexão metodológica), supõe-se que ela esteja ligada à primeira obra do casal: *Judeus no Brasil Imperial*, publicado em 1975 pelo Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo. No prólogo de trinta linhas – única peça da lavra dos autores no livro, além do glossário incluído no final do volume – somos informados do objetivo inicial dos autores com as entrevistas, iniciadas “muitos anos atrás”: eles queriam colher lembranças sobre a participação judaica no centenário da independência do Brasil. No tocante a esse assunto, contam eles que o resultado foi frustrante – mas outros tempos e episódios vieram à tona nos relatos,

oferecendo informações sobre a vida judaica no país. Para o livro, eles selecionaram 70 das muitas entrevistas (de cujo número total não dispomos) que eles vinham realizando provavelmente desde 1976, em um empreendimento notável.

A variedade dos entrevistados contemplados no livro reflete a questão identitária/geográfica já comentada: 33% eram imigrantes, provenientes da Alemanha, Grécia, Hungria, Polônia, Rússia, Tcheco-Eslováquia; 67% eram judeus (segunda geração de imigrantes) nascidos no Brasil, nos Estados do Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo, além do Distrito Federal. Suas profissões eram as mais diversas: de advogado a regente, de doceira a dona de casa, incluindo pessoas eminentes como os jornalistas Boris Casoy e Alberto Dines ou os físicos Jose Goldenberg e Mario Schemberg.

Ainda que não se alonguem a respeito da confecção do projeto, dos usos e do tratamento das entrevistas, Egon e Frieda Wolff preocuparam-se em circunstanciá-las: informam quando e onde elas foram realizadas (curiosamente, incluem o endereço completo dos locais) e, antes de cada depoimento, inserem uma ou duas frases que informam seus temas principais. Outros aspectos procedimentais podem ser inferidos do resultado. Tipicamente, todos os relatos são iniciados com a informação de origem geográfica e familiar. A voz dos entrevistados é, na maioria dos casos, suprimida; poucas perguntas aparecem, e nunca no início das entrevistas. Mesmo que bastante resumidas (editadas, elas têm em média duas páginas), nota-se que o enfoque das gravações recaía na trajetória individual dos entrevistados e não em aspectos temáticos específicos.

Iniciativas de registro de histórias orais relacionadas à cultura e à imigração judaica não se restringiram ao âmbito editorial, adquirindo dimensões institucionais concretas. Nesse sentido, em 1985, um grupo de intelectuais judeus da cidade de Porto Alegre criou de maneira pioneira o Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Um de seus propósitos principais era o de documentar histórias de vida de imigrantes judeus, a fim de preservar e transmitir registros de cultura e tradição para gerações futuras. Esta preocupação transformou-se no primeiro grande projeto do Departamento de Memória do Instituto, coordenado por Marlene Kulkes e posteriormente por Sandra Lemchen Moscovich: uma coleta abrangente de depoimentos de imigrantes judeus e descendentes, executada entre 1985 e 1989, que deu origem a um grande arquivo de histórias de vida.

Em 1989, a instituição publicou subsequentemente dois catálogos bilíngues

intitulados *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: História de vida*. Produzidos com a finalidade de estimular e facilitar a consulta de pesquisadores no acervo, o primeiro catálogo informava que, até aquele momento, haviam sido realizadas 259 entrevistas; o segundo, meses depois, dava conta de 400 entrevistas, sendo 150 temáticas e 250 de histórias de vida – o que demonstrava a agilidade de sua equipe, certamente facilitada por apoios recebidos de entidades de apoio à pesquisa como a Finap, a Fapergs e o CNPq, e de empresas privadas como as Indústrias Klabin.

Nos catálogos, além de sumários das entrevistas (80, no primeiro; outros 100, no segundo) e de pequenos trechos de algumas delas, constam informações relevantes sobre as gravações: nome, local (incluindo o endereço completo, no primeiro catálogo), data, número de páginas da transcrição, numeração da entrevista. Quanto à duração, descobre-se que, embora girando entre 45 a 60 minutos, ela poderia ser extremamente variada, indo de 10 minutos a 4 horas. O nível de detalhamento, no entanto, não é o mesmo para um dado para o qual já sinalizamos: embora, de algumas entrevistas, seja possível depreender essa informação, a nacionalidade dos narradores não é informada, confirmando que o corte daquilo que se percebe como uma imigração judaica se dá menos em termos de origem geográfica do que de acordo com parâmetros culturais e religiosos.

Entre os arquivos de perfil independente, existe ainda a experiência do Arquivo Histórico Judaico-Brasileiro, em São Paulo. Fundado em 1976 com a finalidade de reunir documentos e iconografia, bem como de executar atividades acadêmicas e culturais, o Arquivo criou sua seção de história oral nos anos 1990 – incorporando, na verdade, um empreendimento já em curso, iniciado por Marília Freidenson e Gaby Becker: uma pesquisa sobre a imigração judaica alemã na cidade de São Paulo articulada ao Projeto Memória da Fundação Israelita Paulista. Aos poucos, o projeto se expandiu, visando coletar centenas de depoimentos da primeira geração da comunidade judaica em São Paulo. O empreendimento foi exitoso e gerou várias publicações – dirigidas tanto à comunidade de história oral quanto ao público mais amplo e serviu de base, ainda, para arquivos com o mesmo perfil criados em outras partes do país –, com destaque para o livro *Passagem para a América* (FREIDENSON & BECKER, 2003).

No âmbito acadêmico, as pesquisas envolvendo história oral e comunidades judaicas têm proliferado. Dentre elas, destacam-se os estudos de Andrea Teló Corte e seus colaboradores sobre judeus em Niterói (CORTE, 2006, 2009, 2010; CORTE & LEWIN, 2007; CORTE, MARTINS & HECKER, 2010); a tese de doutorado de Daisy

Perelmutter (2004) sobre a memória não-declarativa da tradição judaica em narrações de artistas; o trabalho de Joelle Rouchou sobre a imigração de judeus expulsos do Egito, na década de 1950, no Rio de Janeiro (2008); as investidas sobre a especificidade da imigração judaica no Sul do País (GRITTI, 1992; BORIN, 1993). Noutros casos, a questão judaica aparece de maneira lateral – por exemplo, quando Roberto Grün (1995) utilizou entrevistas longas para falar da experiência de quatro judeus atuantes como políticos em São Paulo.

Os trabalhos da prolífica socióloga Eva Blay, no entanto, parecem ter sido pioneiros. Nos anos de 1987 e 1988, ela desenvolveu o projeto *Os judeus na memória da cidade de São Paulo*, baseado em histórias de vida, e integrado ao projeto guarda-chuva *Técnicas não escritas de pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*, coordenado por Maria Christina Siqueira de Souza Campos no âmbito do Centro de Estudos Rurais e Urbanos (CERU) e apoiado pela FINEP. Antes mesmo dessa pesquisa, Blay já havia realizado investigações sobre o tema, tendo como resultado um vídeo, *Judeus em São Paulo: O encontro de diferentes trajetórias*, de 1984, produzido pela TV Cultura. Ao longo do tempo, todas essas pesquisas trouxeram inúmeros desdobramentos em publicações (1984, 1997, 2009, 2013). No âmbito do CERU, a pesquisadora Ethel Kosminsky (1985, 2000, 2002, 2004) também lidou com a temática.

Pela análise dos textos selecionados por este artigo e pelos demais dados quantitativos de nossa pesquisa, é possível fazer algumas observações gerais. A primeira é sobre a quantidade e a diversidade de modos de uso do recurso das entrevistas nos estudos migratórios. Pelo número de trabalhos que se valem de relatos orais, podemos afirmar que a entrevista é um dos principais recursos metodológicos usados nos estudos da imigração, seja como fonte principal, seja como fonte complementar.

Ao mesmo tempo, percebemos, pela análise qualitativa, que as entrevistas têm sido usadas nos estudos migratórios das mais diversas formas e seguindo as mais diferentes orientações metodológicas: como histórias de vida, como entrevistas semiestruturadas ou estruturadas, como entrevistas em grupo, como fontes primárias ou secundárias, e seguindo ou não a metodologia da história oral. Têm sido combinadas ou não com fontes heterogêneas e, quando associadas à história oral, têm partido de vertentes múltiplas.

Muito há ainda para se desenvolver em estudos futuros: uma primeira proposta é fazermos um levantamento de como as entrevistas têm sido utilizadas nos estudos das

migrações internas, tarefa que iniciamos em outros projetos do GEPHOM/USP. Pretendemos também chegar a percepções mais conclusivas sobre as formas de uso da entrevista nos estudos migratórios em geral e analisar em que medida os conhecimentos que têm sido discutidos no campo da história oral (que não dizem respeito somente à forma de condução das entrevistas, mas a aspectos metodológicos e teóricos mais amplos, ligados a debates sobre a memória, a subjetividade e intersubjetividade, o tempo e a narrativa) são incorporados nesses estudos - ou se o uso de entrevistas tem sido meramente informativo quando feito no estudo das imigrações.

Percebemos, portanto, semelhanças entre as observações de Thomson (2002) sobre o uso da história oral nos estudos migratórios da Austrália e da Grã-Bretanha. Também no Brasil, o método e o tema correm em uma via de mão dupla: não só as entrevistas são uma das fontes mais importantes para se estudar os movimentos migratórios, como a imigração tem sido um dos temas mais privilegiados no campo da história oral.

Referências:

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1990.
- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- AMORIM, Marina. Casamento Misto e Migração: A união com um estrangeiro como estratégia para ganhar os países centrais. *Travessia: Revista do migrante: Publicação do CEM*, Ano XXII, n° 65, Setembro – Dezembro/2009.
- ARAÚJO, Maria Paula & FERNANDES, Tânia Maria. O diálogo da história oral com a historiografia contemporânea. In: DELGADO, Lucília & VISCARDI, Cláudia (org.) *História Oral: Teoria, Educação e Sociedade*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006. p. 13-32.
- BLAY, Eva A. Duas Memórias: Pequena História da Imigração Judaica. *Shalom*. v. 223, 1984. p. 4-11.
- BLAY, Eva A. Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil. *Tempo soc.*, São Paulo, v. 21, n. 2, 2009.
- BLAY, Eva A. Judeus na Amazônia. In: SORJ, Bila. (Org.). *Identidades Judaicas no Brasil*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 33-66.
- BLAY, Eva A. *O Brasil como destino: Raízes da imigração judaica contemporânea para*

São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2013. 423 p.

BORIN, M. R. *Memória e história: Os sefaradim em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado em História. PUC-RS, 1993.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1978.

BOURDIEU, Pierre. *A miséria do mundo*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CORRÊA, Carlos Humberto Pederneiras. *História Oral: teoria e técnica*. Florianópolis: Ed. Univ. Federal de Santa Catarina, 1978.

CORTE, A. T. Fazendo América em Niterói: prestamistas e comerciantes judeus na capital fluminense. *Maracanan*, v. VI, 2010.

CORTE, A. T. Judeus e Judeus. A Coletividade Judaica de Niterói e as Disputas pela Memória. *Revista de Estudos Judaicos*, v. V6, 2006.

CORTE, A. T. *Os Judeus em Niterói: imigração, cidade e memória. 1910-1980*. Tese. Doutorado em História – Universidade Federal Fluminense, 2009.

CORTE, A. T.; LEWIN, H. A Adaf e a memória dos judeus progressistas de Niterói-1922-2005. In: LEWIN, H. (org.). *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações*. Rio de Janeiro: Fierj, 2007.

CORTE, A. T.; MARTINS, I. L.; HECKER, A. Fragmentos da esquerda judaica em Niterói (1910-1960). In: MARTINS, I. L.; HECKER, A. (org.) *E/Imigrações. Histórias, culturas, trajetórias*. São Paulo: Expressão & Arte, 2010..

DEMARTINI, Zeila. Marcas da guerra em terra distante: relatos de japoneses em São Paulo. *Revista História Oral*, 7, 2004.

DORNELAS, Sidnei. Ente a Igreja do Brasil e da França: Uma experiência com os portugueses em Paris. *Travessia: Revista do migrante*. Publicação do CEM – Ano XXII, nº 65, Set – Dez/2009.

EIZIRIK, Moisés. *Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Est. Edições/EDUSC, 1984.

EIZIRIK, Moisés. *Imigrantes judeus: Relatos, crônicas e perfis*. Caxias do Sul: Est. Edições/EDUSC, 1986.

FENELON, Déa. O papel da história oral na historiografia moderna. In: MEIHY, José Carlos. (org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

FERNANDES, Tânia. Casa de Oswaldo Cruz: Aplicação da história oral em acervos e pesquisas. In: MEIHY, José Carlos. (org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 325-329.

- FERRAROTTI, Franco. *Dal documento alla testimonianza: La fotografia nelle scienze sociali*. Napoli: Liguori, 1974.
- FERRAROTTI, Franco. *Il ricordo e la temporalità*. Roma/Bari, Laterza, 1987.
- FERRAROTTI, Franco. *La storia e il quotidiano*. Roma/Bari: Laterza, 1986.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & Amado, Janaína (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: O caso do Brasil*. História oral, São Paulo, nº 1, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: O caso do Brasil*. *História Oral*. São Paulo, nº 1.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História Oral: Um inventário das diferenças. In: *Entre-vistas: Abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, dez/ 2002. p. 314-332. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/~ppghis/pdf/topoi5a13.pdf>, acesso em 28/05/2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Institucionalização e expansão da História Oral: Dez anos de IOHA. *História Oral*, v. 10, n. 1, p. 131-47, jan-jun 2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Oralidade e memória em projetos testemunhais. In: Lopes, Antonio H; Velloso, Mônica P. & Pesavento, Sandra J. (org.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa/7 Letras, 2006.
- FREIDENSON, M. A integração dos judeus em São Paulo. *Cadernos CERU*, série 2, n. 18, 2006.
- FREIDENSON, Marília; BECKER, Gaby. *Passagem para a América*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.
- GATTAZ, André. Meio século de história oral. *NEHO-História*, São Paulo, nº 0, 1998.
- GRELE, Ronald. "Oral History as Evidence". In: CHARLTON, Thomas L.; MYERS, Lois E.; SHARPLESS, Rebecca (org.) *Handbook of Oral History*. Lanham, MD: Altamira Press, 2006.
- GRITTI, I. R. *A imigração judaica para o RS: A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos*. Dissertação de mestrado em História. PUC-RS, 1992.
- GRÜN, R. Os judeus na política paulista: Identidade, anti-semitismo & cultura. In: FAUSTO, B. *et alii. Imigração e política em São Paulo*. São Paulo: Editora

Sumaré/Fapesp, 1995.

GUSMÃO, Deyvesson Israel. História oral: Passagens e atritos. In: *Oralidades: Revista de História Oral*, São Paulo, nº 4, 2008.

JANOTTI, Maria de Lourdes. Refletindo sobre história oral: Procedimentos e possibilidades. In: MEIHY, José Carlos. (org.). (Re)Introduzindo a História Oral no Brasil.. São Paulo: Xamã, 1996.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. O Nordeste e a História Oral: a contribuição dos grupos de pesquisa do Ceará. *História Oral*, v. 9, n. 2, jul-dez 2006.

KOSMINSKY, Ethel V. Memórias da infância: as filhas de imigrantes judeus no Brasil. *Cadernos CERU*, São Paulo, n. 11, 2000.

KOSMINSKY, Ethel V. Os judeus no bairro do Bom Retiro (São Paulo: 1925-1955). *Cadernos CERU*. São Paulo, v. 13, 2002.

KOSMINSKY, Ethel V. Questões de gênero em estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos Pagu*. UNICAMP, v. 23, 2004.

KOSMINSKY, Ethel V. *Rolandia, A Terra Prometida: Judeus Refugiados do Nazismo No Norte do Paraná*. São Paulo: FFLCH/Centro de Estudos Judaicos/USP. 1985. 149 p.

KULKES, Marlene (coord.). *Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: Histórias de vida*. Porto Alegre: Inst. Cultural Marc Chagall, 1989.

LEITE, Eudes Fernando. Da experiência à narração da singularidade: A história oral e suas possibilidades. In: LEITE, Eudes Fernando & Fernandes, Frederico (org.). *Oralidade e Literatura 2: Práticas culturais, históricas e da voz*. Londrina: EDUEL, 2007.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Duas diferentes experiências em história oral: Os casos do CERU e do NEHO. In: *Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste*. Salvador: Editora da UNEB, 2000.

MARTES, Ana Maria Braga. *New immigrants, new land: a study of Brazilians in Massachusetts*. Gainesville: University Press of Florida, 2011.

MARTINS, Ismênia *et alii*. A imigração japonesa no Estado do Rio de Janeiro. In: CARNEIRO, M.; TAKEUCHI, M. (Orgs.). *Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória*. São Paulo: Edusp, 2010.

MAUAD, Ana Maria & KNAUSS, Paulo. Memória em movimento: A experiência videográfica do LABHOI/UFF. *História Oral*, v. 9, n. 1, jan-jun 2006..

MAZÉ, Elinor. "The Uneasy Page: Transcribing and Editing Oral History". In:

- CHARLTON, Thomas L.; MYERS, Lois E.; SHARPLESS, Rebecca (org.) *Handbook of Oral History*. Lanham, MD: Altamira Press, 2006.
- MCCLEARY, Leland. História oral: questões de língua e tecnologia. In: SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria. (Org.). *Memória e diálogo: escutas da Zona Leste e visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- MEIHY, José Carlos. *Brasil fora de Si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MEIHY, José Carlos. História oral no Brasil: Desafios e responsabilidades. In: *Anais do II Encontro de História Oral do Nordeste*. Salvador: Editora da UNEB, p. 58-69, 2000
- MEIHY, José Carlos. *Manual de história oral*. 5ª ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 2005.
- MONTENEGRO, Antônio. Na transversal da história. *História Oral*, v. 1, 1998. p. 11-18.
- MONTENEGRO, Antônio; PEREIRA NETO, A. F. & MACHADO. B. A. História Oral no Brasil: uma análise da produção recente. *História Oral*, v. 10, 2009.
- PATARRA, Neide. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. 2ª ed. São Paulo: FENUAP, 1995.
- PERELMUTTER, Daisy. *Intérpretes do desassossego: memórias e marcas sensíveis de artistas brasileiros de ascendência judaica*. Tese de doutorado. São Paulo: PUC, 2004.
- POLLAK, M. *L'Expérience concentrationnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale*. Paris: Métailié, 1990.
- POLLAK, M. *Mandarins, Jews, And Missionaries: Jewish Experience In The Chinese Empire*. Boston: Weatherhill, 1998.
- POLLAK, M. *Une Identité blessée: Études de sociologie et d'histoire*. Paris: Métailié, 1993.
- PORTELLI, Alessandro. Apresentação. In: FREITAS, Sônia Maria. *História Oral: Possibilidades e Procedimentos*. São Paulo: Humanitas, 2002.
- PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010. 258 p.
- PROCTOR, Samuel. Oral history in the United States. *Phonographic Bulletin*, n. 13, 1975.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira. Histórias de vida e depoimentos pessoais. *Sociologia*, v. XV, nº 1, mar/1953.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da voz viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

RIBEIRO, Gustavo. O que faz do Brasil, Brazil. In: SALES, T.; REIS, R. (orgs.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

ROUCHOU, J. *Noites de verão com cheiro de jasmim*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

SALES, Teresa. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTHIAGO, Ricardo. "If you know Portuguese you know what this is': O papel da tradução na história oral do Brasil". In: SANTHIAGO, Ricardo & MAGALHÃES, Valéria (org.) *Memória e diálogo: Escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral*. São Paulo: Letra e Voz/Fapesp, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas". *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes". *Projeto História*, São Paulo, nº 30, 2005.

SHIZUNO, Elena. Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e o DOPS. In: CARNEIRO, M.; TAKEUCHI, M. (Orgs.). *Imigrantes japoneses no Brasil: trajetória, imaginário e memória*. São Paulo: Edusp, 2010.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

VALENTE, Heloísa. Canção artística, canção popular, canção das mídias: memória e nomadismo. In: Valente, H. A. D. V. (Org.). *Música e Mídia: novas abordagens sobre a canção*. São Paulo: Via Lettera Editora e Livraria, 2007, v. 1.

WOLFF, E.; WOLFF, F. *Depoimentos: Um perfil da coletividade judaica brasileira – Recordações gravadas em setenta entrevistas*. Rio de Janeiro: Erca Ed. e Gráfica, 1988.

WOLFF, E.; WOLFF, F. *Judeus no Brasil Imperial*. São Paulo: Centro de Estudos Judaicos/USP, 1975.

Data de recebimento: 16/04/2015.

Data de aceite: 26/06/2015.